

Professor José Luiz Sigrist, o Mestre da palavra*José Luís Sanfelice*

Professor Titular de História da Educação da FE/Unicamp*

Eu estava sentado em uma carteira da sala de aula da Universidade Católica de Campinas que ainda não recebera o status de Pontificia. O prédio é aquele que se tornaria conhecido por PUC central, após a expansão da PUC por outros campi. Hoje faz parte do patrimônio histórico da cidade.

O Prédio Central dispõe de um espaço batizado de Pátio dos Leões que abrigou, ao longo do tempo, manifestações de toda ordem e, especialmente, as estudantis. O Brasil vivia os anos plenos da ditadura civil-militar produzida pelo que se veio chamar de Movimento de 1964. O intuito de todas as pessoas reunidas na mesma sala em que eu me encontrava era o de prestar os exames seletivos para, caso aprovadas, terem acesso ao curso de Filosofia da Universidade Católica.

Pela situação, permanecíamos silenciosos, perfilados, aguardando o momento sempre fatídico do início de uma prova. Naquele contexto, ingressar no ensino superior, mesmo que privado, era muito mais difícil do que nos dias de hoje. Daí aquele clima de inusitada tensão. Estávamos jogando nossa sorte de vida ali.

Na hora estipulada entrou pelos fundos da sala um senhor de boa estatura e vestindo um terno preto. Atravessou, de forma circunspecta, todo o espaço que o separava do quadro-negro e dirigiu-se a ele. Voltando-se para os presentes, com voz forte, clara e pausada deu-nos as boas vindas. Faríamos uma prova de redação e o tema era: Ser ou Ter, como agora estava

*Pesquisador do HISTEDBR e docente da UNIVÁS; e-mail: <sanfelice00@gmail.com>.

grafado em letras bem grandes, à nossa frente. Este cenário jamais pude esquecer, mas não me lembro se aquele senhor se apresentou a nós. Com certeza sim, pois eu viria ainda a descobrir toda a sua elegância no relacionamento e trato para com as pessoas. Não sei, mas garanto que ele se identificou.

Eu, felizmente, fui aprovado no processo seletivo, mas, oras bolas, nunca esqueci aquele tema da prova: Ser ou Ter. Vejam bem: o tema não era uma pergunta. Era uma contraposição afirmativa. Iniciando as aulas, espremidos agora em uma pequena sala de aula, surge por uma porta, desta vez à frente, o mesmo homem de terno preto e autor do tema “Ser ou Ter”. De novo voz forte, clara e pausada se apresenta como o Prof. José Luiz Sigrist, que nos ministraria algumas disciplinas. Daí, evidentemente, nunca mais me esqueci daquele Prof. Sigrist, como carinhosamente passamos a chamá-lo.

Nos dias letivos seguintes, as aulas do Prof. Sigrist começaram a nos seduzir. Discurso fácil e articulado, lógica argumentativa, profusão de exemplos e um imenso entusiasmo pela Filosofia, nunca lhe faltaram. Nosso iniciar no campo do pensamento filosófico e em especial pela História da Filosofia acabava sendo facilitado pela postura benevolente do Mestre. Postura de Mestre que também o caracterizou para sempre e está presente na memória dos seus ex-alunos. O Prof. Sigrist, como acadêmico, não foi um profissional da escrita, são poucos os seus escritos. O Prof. Sigrist foi um profissional da palavra, do discurso, e conseguia abusar da sua memória. Usava poucas anotações para as suas falas, mas cabia aos alunos lerem suas indicações bibliográficas.

Nascido em 02 de março de 1937 em Indaiatuba, SP, ele se bacharelou em Filosofia pelo Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, SP, em 1952. Fez também bacharelado, licenciatura e mestrado na Pontifícia

Universidade Gregoriana, em Roma (1954-1956). Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas em 1964. Concluiu o doutorado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, SP, com a tese: *Fenomenologia da consciência universitária cristã no Brasil*, em 1974. Faleceu em 17 de agosto de 2014.

Quando iniciei o segundo ano do curso de Filosofia, passei a morar em uma *república* que reunia alunos da Filosofia e, por isso, chamava-se Toca da Coruja. Já dando minhas primeiras aulas em cursos de Madureza, conseguia algum rendimento básico. Resolvi comprar uma vitrola. Sim, daquelas portáteis que tocavam o vinil. A loja em que fui exigiu um fiador para a dívida que eu contrairia. Claro, naquelas condições, acabou o sonho de consumo. Chateado e não querendo adiar o projeto, “tive uma luz”: vou pedir para o Prof. Sigrist. Ele era sempre tão cordial: quem sabe? Ensaiei vários dias para criar coragem e em um intervalo de aula fui à sua mesa de professor, sobre o tablado, na qual o Prof. Sigrist folheava papéis. A sala estava totalmente tomada por fumaça de cigarros. Professores e alunos fumavam juntos e ninguém reclamava. Expliquei “o meu grande problema” ao Mestre e ele, olhando de lado, disse: “o papel está aí?” Respondi que sim, já colocando o papel na mesa. Ele não leu nada, pegou a caneta, assinou como fiador e fez a minha grande felicidade. Consegui comprar a vitrola e a história não pararia por aí.

Resolvi fazer a cerimônia da “introdução” da vitrola na Toca da Coruja. Organizamos uma festinha de inauguração e em outro intervalo de aula fui agradecer ao prof. Sigrist pela ajuda e confiança, comunicando-lhe sobre os nossos planos. Pois bem, aquele incrível professor apareceu na festinha portando o seu impecável terno preto. Dançou a noite inteira com as “meninas” da Filosofia que, para nós – os meninos da Filosofia eram

seminaristas ou ex-seminaristas –, perdoem-nos elas, na sua maioria, eram “dondocas” da sociedade. O Mestre dançou com todas aquelas que pacientemente aguardaram a sua vez. A Toca da Coruja, por sua parte, nunca mais foi tão franciscana quanto antes da “introdução” da vitrola. Registre-se: o prof. Sigrist não era só o nosso professor de Filosofia, mas também o Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas. O assunto esteve presente na pauta das conversas por vários dias no Pátio dos Leões.

Mas vieram as grandes crises dos mundialmente emblemáticos anos de 1968 e 1969. Manifestações juvenis, protestos, contestação de valores, de costumes, da ordem estabelecida e a difusão das utopias revolucionárias. No Brasil a DITADURA civil-militar distribuía seus pacotes de horrores e maldades por todos os lados. Eram as prisões, as cassações, a repressão à classe operária, a censura, os Atos Institucionais de exceção, a invasão de universidades, a prisão de professores, de intelectuais e o combate ao movimento estudantil liderado pela União Nacional dos Estudantes – UNE. No Pátio dos Leões tudo se refletia e quando o Congresso da UNE a ser realizado em Ibiúna, SP, próximo a Campinas, caiu sob a repressão, o Pátio dos Leões rugiu de medo, revolta e ódio. Nossos colegas universitários, no primeiro momento quase mil estudantes, e alguns da Universidade Católica, estavam presos. Passeatas, “arruaças”, panfletagens, ocupação do prédio pelos estudantes e uma infinidade de ocorrências se sucederam, por motivações diversas. A Universidade Católica de Campinas, que já arrastava densos problemas intestinos, mergulhou numa das maiores crises da sua história. Grande número de professores foi demitido e outros se demitiram em solidariedade a eles. O nosso curso de Filosofia foi arrasado. Boa parte dos alunos se transferiu para outras instituições e o prof. Sigrist também foi levado a buscar novos rumos. Naquelas circunstâncias ele foi proeminente

com seus ensaios interpretativos para que pudéssemos, ainda tão jovens, entender um pouco o momento histórico vivido por nós. A sua outra faceta, acredito, aquela que nunca deixou de desenvolver, foi o de saber fazer as articulações políticas. Meus deuses, confirmei em outros tempos, como o homem sabia negociar.

No *curriculum vitae* do prof. Sigrist consta sua passagem como professor de Português e Latim no Colégio Estadual de Valinhos, como orientador pedagógico e vice-diretor do Colégio de Aplicação Pio XII, coordenador geral do Centro de Pós-Graduação do Instituto Educacional Piracicabano, docente na PUC-SP – Instituto de Filosofia e Teologia – da Conferência dos Religiosos do Brasil –, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Na UNIMEP exerceu, além da coordenação geral dos Programas de Pós-Graduação, a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, por quatorze anos, somente deixando o Programa quando ele foi indicado para credenciamento junto à CAPES. Recebeu como homenagem o título de Professor Benemérito da instituição.

Suas atividades docentes e administrativas também marcaram o Departamento de Filosofia e História da Educação – DEFHE – da Faculdade de Educação da Unicamp, onde atuou por muitos anos. Continuava com a sua eloquência muito bem administrada, acompanhada de rico gestual, com o qual parecia diminuir os espaços entre ele e seus interlocutores. Os alunos da pós-graduação que frequentavam suas aulas de História da Filosofia antiga, História da Filosofia medieval, Metodologia Filosófica ou História das Doutrinas Pedagógicas encantavam-se, como nós lá nos anos sessenta, com a clareza e a didática do Mestre. Os conteúdos, cada vez mais, estavam em sua memória e o difícil era absorvê-los na quantidade em que se

apresentavam. Participou de inúmeras comissões técnicas e administrativas da Faculdade de Educação. Foi assessor da CAPES e do CNPq.

Na FE/Unicamp, o prof. Sigrist circulava com uma desenvoltura ímpar. Distribuía cumprimentos, comentários, gentilezas, entrava e saía das salas de professores, como se ele tivesse que dar satisfações a cada um. A todos perguntava: “o que você está lendo agora?” Não raro o seu périplo era tão grande que ele acabava indo embora sem nem chegar à sua própria sala. Às vezes suas gargalhadas ecoavam pelos corredores e ele parecia se penitenciar por tê-las emitido. Nunca mais vi, por ali, aquele homem vestindo um terno preto e tão circunspecto. De cada reunião da qual participava, uma aula de bom senso e sabedoria administrativa se gerava.

Quando fui, por “longos” oito anos, responsável pela Direção da FE/Unicamp, encontrei no prof. Sigrist um conselheiro, um crítico objetivo e um amigo. Ele fazia questão de visitar a sala da Direção quase todos os finais de tarde. Falava direto para mim: você está indo bem em tal coisa, mas precisa melhorar em outras. Nomeava aspectos políticos, administrativos e acadêmicos da Universidade. Dava sugestões e ajudava a pensar estratégias. Era um excelente articulador de ações e formador convincente de opiniões. Adorava fazer interlocuções com os adversários para ver como reagiam e quais eram seus argumentos. Sua presença era como um oásis inserido no meio da aridez do trabalho técnico, político e administrativo.

Muitas vezes, ao término dos expedientes, saíamos acompanhados do saudoso professor Augusto Novaski, para “jogar conversa fora” e bebericar alguma coisa. No andar da carruagem o Augusto e o Sigrist passavam a conversar em Latim, Grego ou Italiano. Os filósofos da antiguidade, os medievais da patrística e da escolástica, alguns modernos e fenomenólogos eram homenageados com citações no original. Com a carruagem um pouco

mais à frente, os dois amigos começavam a duelar óperas ou se uniam em cantos gregorianos, para espanto geral dos ouvintes circunstanciais desprevenidos. Um dia eu pensei: acho que o Sigríst gosta tanto de música que ele não teve coragem, já num tempo distante, de se negar a ser meu fiador para que eu comprasse a vitrola... Só pode ter sido isso. Grande coleguismo e muita amizade respeitosa foram assim construídos e vividos por bons anos.

Em 2012, o professor Sigríst recebeu a medalha João Tibiriçá Piratininga, episódio que foi assim noticiado:

[...] a principal homenagem do evento é mesmo a medalha João Tibiriçá Piratininga, que este ano foi entregue a José Luiz Sigríst. Este indaiatubano de 78 anos é doutor em Filosofia e tem uma atuação marcante na comunidade, principalmente no bairro Helvétia, onde nasceu. Ele foi escolhido pela Fundação Pró-memória de Indaiatuba, que já havia tentado fazer essa homenagem três vezes. Mas o *seu* José Luiz não se achava merecedor. Essa resistência e esse excesso de modéstia foram vencidos esse ano. (tvsolcomunidade.com.br – consulta em 10/02/2015).

Quando o prof. Sigríst partiu, outra nota destacava sua presença e seu trabalho incansáveis na Fundação Pró-Memória de Indaiatuba como conselheiro e na comunidade suíça de Helvetia. Seu velório foi anunciado para acontecer na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, onde era membro do coro (www.simprovaes.org.br - consulta em 10/02/2015).

Sim, prof. Sigríst: membro do coro! Isso o senhor nunca nos contou. Mas foi bom descobrir que um mestre da palavra também se dedicou à palavra cantada e, no seu caso, à palavra histórico-filosófica que encantava. Dentre seus poucos escritos encontra-se o livro *A JUC no Brasil: evolução e*

impasse de uma ideologia (Cortez-UNIMEP, 1982), que me foi bastante útil quando da escrita da minha tese sobre o Movimento Estudantil - UNE.

Meu Mestre, você teve milhares de alunos, orientou dissertações e teses de centenas deles e muitos eu os conheço. Você tem descendentes intelectuais brilhantes que não vou citar para não cometer injustiças. É certo que eles poderiam prestar uma homenagem a você bem melhor do que esta. Nem de longe penso ter traduzido a relevância do seu SER (lembra, Ser ou Ter?) em suas múltiplas dimensões. Na minha pequenez, espero que no nosso próximo encontro para “jogar conversa fora” e bebericar alguma coisa – será isso possível? –, você comente as indiscrições aqui cometidas. Tenha, entretanto, uma certeza: se a Filosofia não fosse apresentada para mim com o mel e o fel que você adicionava nela, talvez eu me perdesse em busca de outra fruta. Saudades sempre.